



Uso de Imagem na Sala de Aula como Mecanismo de Ensino-Aprendizagem

Maria Rejane Schneider, M.Sc. Claudio Biazus

Universidade Federal de Santa Maria-UFSM, Educação à Distância da UFSM-EAD, Universidade Aberta do Brasil-UAB, Especialização de Tecnologias da Informação e da Comunicação Aplicadas à Educação - rejschneider@hotmail.com

RESUMO. Entende-se que o uso da imagem na sala de aula permite educar o olhar dos estudantes e, desta maneira, fornecer um importante passo rumo à democratização dos meios de comunicação, visto que, somente o olhar crítico abre o horizonte da cidadania e da democracia. Por isso, este artigo teve como propósito constatar a importância do uso da imagem na sala de aula, como mecanismo pedagógico de mediação da aprendizagem. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, levantando opiniões de diferentes autores a respeito do assunto estudado, considerando as características gerais sobre a imagem, as Tecnologias de Informações e Comunicações na educação, constatando se a utilização da imagem na escola está contribuindo para a aprendizagem dos alunos. Além disso, as representações de imagens na sala de aula implicam novas reflexões metodológicas sobre sua utilização e sua função como espécie de ponte entre a realidade retratada e a imaginação, contribuindo no desenvolvimento criativo, bem como, no ensino-aprendizagem.

Palavras-Chave: Imagem, Tecnologia de Informação e Comunicação, Educação.

ABSTRACT. *It is understood that the use of image in the classroom allows students to educate the eye and thus provide an important step towards democratization of the media, since only the critical eye opens the horizon of citizenship and democracy. Therefore, this article aimed to see the importance of the use of the image in the classroom, teaching mediation as a mechanism of learning. For this, we performed a literature search, raising opinions of different authors on the subject studied, considering the general characteristics of the image, the Information and Communications Technologies in education, noting that the use of the image the school is contributing to the learning of students. Moreover, the representations of the images in the classroom require new methodological reflections on their use and function as a kind of bridge between reality and imagination pictured, contributing to creative development, as well as in teaching and learning.*

Key words: *Image, Information Technology and Communication, Education.*

1 INTRODUÇÃO

As imagens estão presentes no cotidiano das pessoas e são poderosas formas de comunicação e informação. Decifrá-las, interpretá-las ou lê-las são necessidades fundamentais para qualquer tipo de atividade, desta forma, trazer estas questões para dentro da sala de aula torna-se muito importante e, por isto mesmo, uma responsabilidade a mais para todos os envolvidos com o ensino.

As imagens na mente humana são capazes de transformar, estimular internamente as pessoas em um movimento dialético, atingindo aspectos da natureza humana como memória, atenção, emoção, socialização, desenvolvimento e aprendizagem (AGUIAR, 2010).

De acordo com Faheina et al (2011) no espaço escolar, onde se lida com diversos conhecimentos os educadores são estimulados e instigados por diferentes imagens que acabam por definir um território possível e delimitado a ser explorado em uma óptica didática, semântica ou da epistemologia. Portanto, refletir sobre a imagem e sobre o uso pedagógico tendo em vista a criação de condições que facilitem a aprendizagem e apropriação do conhecimento, é uma necessidade da escola.

Na visão de Martins e Santana (2009) quando se insere a imagem no contexto da Tecnologia de Informação e Comunicação – TIC, tem-se a preocupação de analisar a forma como se produz imagens. Por isso, a prática pedagógica poderá tomar uma nova forma de produzir as imagens para os alunos, apresentando novos dispositivos tecnológicos, reconstruindo antigas relações entre imagem e ação.

Por isso, o presente artigo se justifica pela necessidade de demonstrar através da pesquisa bibliográfica a importância do uso da imagem na sala de aula, como mecanismo de ensino-aprendizagem. Esta prática torna-se imprescindível, visto que a análise e interpretação crítica da imagem, de seu conteúdo e forma, das mensagens que ela codifica e do seu uso pedagógico positivo no espaço escolar, tanto de figuras, formas geométricas, pinturas, obras clássicas, televisão, filmes, livros e todas outras manifestações visuais possíveis estão presentes no cotidiano,

apresentam-se como uma alternativa didática para efetivar o diálogo entre alunos, professores e campos de conhecimento.

De acordo com estas considerações, pode-se formular a seguinte questão problemática deste estudo: Pelo uso que a Tecnologia de Informação e Comunicação na educação, estará a imagem sendo usada como mecanismo pedagógico dentro das salas de aula?

Além disso, este estudo tem como objetivo geral constatar a importância do uso da imagem na sala de aula, como mecanismo pedagógico de mediação da aprendizagem. Também delimitam-se os objetivos específicos: verificar as características gerais sobre a imagem, constatar a interação das Tecnologias de Informações e Comunicações na educação e identificar se a utilização da imagem na escola está contribuindo para a aprendizagem dos alunos.

A metodologia utilizada neste artigo se caracteriza como sendo uma pesquisa bibliográfica, onde os fatos foram problematizados à luz dos referenciais teóricos escolhidos. A pesquisa busca demonstrar quais as colocações a respeito do assunto estudado, divulgando opiniões de diferentes autores. Para realizar este estudo foi usada como instrumento a consulta em livros, artigos e outras fontes disponíveis nos meios de tecnologia como a Internet.

No referencial teórico são discutidas as características gerais sobre a imagem e as Tecnologias de informações e Comunicações - TICs, além da diversidade de conceitos e abordagens relevantes ao tema, identificando a importância do uso da imagem na sala de aula, como mecanismo pedagógico de mediação da aprendizagem. Por último, apresentam-se as considerações finais do referido artigo.

2 CARACTERÍSTICAS SOBRE A IMAGEM E AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÕES E COMUNICAÇÕES - TICs

A imagem ocupa um espaço privilegiado na sociedade atual, o qual se amplia cada vez mais, devido às novas tecnologias, que possibilitam a criação de imagens mais elaboradas e as disseminam com muito mais rapidez. Assim, as pessoas são constantemente bombardeados por imagens da televisão, computador,

propagandas, revistas, jornais, cinema e em tantas outras situações (GUIMARÃES e LIMOLI, 2011).

De acordo com Santaella e Nöth (1997, p. 13):

As imagens têm sido meios de expressão da cultura humana desde as pinturas pré-históricas das cavernas, milênios antes do aparecimento do registro da palavra pela escritura. Todavia, enquanto a propagação da palavra humana começou a adquirir dimensões no século XV de Gutenberg, a imagética teve de esperar até o século XX para se desenvolver. Hoje, com as novas tecnologias está permeada de mensagens visuais, de uma maneira tal que tem levado os apocalípticos da cultura ocidental a deplorar o declínio das mídias verbais.

Hoje, menciona-se que o estudo da imagem é um empreendimento interdisciplinar, incorporando objetos de estudo de gêneros imagéticos tradicionais, como as pinturas, fotografias, filmes, vídeos, revista em quadrinho, mídias, televisivas, jogos eletrônicos, Internet, imagens relacionadas com a natureza, entre outros.

Na visão de Azevedo (2011) estas imagens são detentoras de simbologias que, na maioria das vezes, exercem influência maior do que as representadas em textos verbais. Para alguns, muitas dessas imagens parecem óbvias e logo se presumi que todos os que veem imagens podem entendê-las e contextualizá-las. Entretanto, a torrente de imagens despejadas no mundo nem sempre garante a compreensão do meio em que está inserido.

A imagem é uma estrutura subjetiva de conhecimentos, resultante de toda a experiência passada do sujeito, em alguma forma de contato com o objeto da imagem. De acordo com Schuler (2008, p. 18) “as imagens expressam o modo como as pessoas percebem, representam o mundo. Correspondem a uma visão dos objetos, na qual estão implicados vários processos mentais.” Esta forma de encarar a imagem designa um padrão mental que comunica aspectos e características dos objetos, e que pode ser traduzida como pensamento.

Martins e Santana (2009, p. 7) comentam que “a compreensão do uso de imagens abrange um conceito mais complexo de representação: o de pensamento”. As transformações do mundo parecem ser o reflexo da prática do pensamento, o qual através de imagens e ideias revela justamente a vontade da prática humana em sociedade. Para Berger (1999, p.12):

As imagens foram a princípio feitas para evocar as aparências de algo ausente. Aos poucos foi se tornando evidente que uma imagem podia ultrapassar em duração aquilo que ela representava: mostrava, então, como uma coisa ou alguém havia antes se parecido — e assim, por implicação, como o assunto fora antes visto por outras pessoas.

Mais tarde, também a visão específica do fazedor de imagens era reconhecida como parte do registro. Isso era o resultado de uma crescente consciência da individualidade acompanhando uma percepção crescente da história humana.

Com isso, Berger (1999, p. 11) conceitua a imagem do seguinte modo:

A imagem é uma cena que foi recriada ou reproduzida. É uma aparência, ou um conjunto de aparências, destacada do lugar e do tempo em que primeiro fez sua aparição e a preservou — por alguns momentos ou séculos. Toda imagem incorpora uma forma de ver. Mesmo uma fotografia. Porque as fotografias não são, como se presume freqüentemente, um registro mecânico. Cada vez que olhamos uma fotografia estamos cientes, por mais superficialmente que seja, do fotógrafo selecionando aquela cena entre uma infinidade de outras possíveis. Isso é verdadeiro mesmo em se tratando do instantâneo familiar mais informal, O modo de ver do fotógrafo é reconstituído pelas marcas que ele faz na tela ou papel.

Contudo, embora toda imagem incorpore uma maneira de ver, na percepção ou apreciação de uma imagem depende também do próprio modo de ver de cada pessoa.

Fonseca e Francisco (2000) salientam que a imagem foi criada para representar ou passar a mensagem desejada do criador, ou seja, a linguagem da imagem, que também deseja exibir, mostrar, insistir, questionar, interpretar, pensar, buscar o que a imagem representa.

Santaella e Nöth (1997, p. 15) salientam que as imagens se dividem em dois domínios:

O primeiro é o domínio das imagens como representações visuais: desenhos, pinturas, gravuras, fotografias e as imagens cinematográficas, televisivas, holo e infográficas pertencem a esse domínio. Imagens, nesse sentido, são objetos materiais, signos que representam o nosso meio ambiente visual. O segundo é o domínio imaterial, no qual, as imagens aparecem como visões, fantasias, imaginações, esquemas, modelos ou, em geral, como representações mentais.

Ambos os domínios da imagem não existem separados, pois estão ligados já na sua gênese. Não há imagens como representações visuais que não tenham

surgido de imagens na mente daqueles que as produziram, do mesmo modo que não há imagens mentais que não tenham alguma origem no mundo concreto dos objetos visuais.

Na concepção de Schuler (2008), para construir as imagens mentais integram-se informações vindas de todos os sentidos (visão, audição, olfato, paladar e tato) e de toda e qualquer forma de conhecimento ao qual tenham acesso. Essa capacidade de integração das informações depende da capacidade perceptiva limitada, assim como dos limites para a obtenção e o tratamento das informações vindas das diversas fontes disponíveis em um universo perceptível. Os limites para a integração das informações em modelos mentais são determinados primeiramente pela condição humana em si, uma vez que ela fixa formas restritas de percepção.

Faheina et al (2011) comenta que a imagem tem sido valorizada sobretudo por conta do desenvolvimento da cultura imagética e a visual dominante. Esse fato tem provocado uma intensa reflexão e investigação acerca de seu uso social, especialmente, quando tem sido empregada como um texto. A imagem mediante o qual são veiculados valores, atitudes, comportamentos e saberes, que produzem efeitos sobre a consciência e a conduta dos indivíduos em suas diferentes fases psicossociais: infância, adolescência, juventude e adulta.

De acordo com Fonseca e Francisco (2000) a imagem que é construída sob a imagem visual, também chamada imagem mental, corresponde a uma impressão que se tem, como se isso substituísse visualmente o que não está ali. De qualquer forma, a “visual” persiste nas referências imaginária, pois têm a função de transformar, conter e representar, constituindo tanto da percepção como da atividade mental representativa, da qual se depreendem as imagens construídas ativamente como objetos do “ver” ou do pensamento.

Porém, atualmente, quase tudo do pouco que se sabe sobre o conhecimento produzido chega via Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC, que, por sua vez, constroem imagens do mundo. As pessoas capturam imagens, muitas vezes sem modelo, sem fundo, cópias de cópias, no cruzamento de inúmeras significações, cujas imagens para deleitar, entreter, vender, vestir, comer, aparentar, pensar, tudo voltado a TICs (SARDELICH, 2006).

No entanto, a imagem tem peculiaridades assim como a escrita alfabética, cujos sistemas de produção de sentido têm maior ganho neste ou naquele aspecto,

dependendo da habilidade do autor de um e de outro, assim como do docente no momento do uso da imagem em sala de aula e as TCIs (COELHO, 2011).

Com isso, aprender, produzir e consumir imagens de toda ordem para compreensão e interpretação do mundo em que se vive torna imprescindível. E a educação para a compreensão e a construção de um senso crítico sobre essas imagens torna-se tarefa principal para os educadores. Assim, o papel é ajudar os estudantes a interpretarem os diferentes tipos de imagens, construindo significados que os levem à compreensão e ao entendimento das práticas pedagógicas que realizam na sala de aula (AZEVEDO, 2011).

2 A TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO – MECANISMO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Os avanços da tecnologia e o advento da Internet trouxeram impactos inimagináveis para a sociedade. As pessoas estão diante de uma sociedade conectada, com *e-mails*, celulares, *palm*s, *chats*, buscadores de informação, *sites* de notícia, comunidades *online*, *sms*, *messenger*, *voip* e outras ferramentas que até pouco tempo não faziam parte da rotina diária de trabalho e lazer.

Primeiramente, cabe entender os termos tecnologia e informação separadamente, para melhor entendimento do estudo. Gonçalves e Nunes (2011) comentam que a tecnologia é um conjunto de conhecimentos que permite a intervenção no mundo, compreendendo ferramentas físicas, instrumentos psíquicos ou simbólicos, sociais ou organizador. Trata-se de um saber fazer, alimentado da experiência, da tradição, da reflexão e das contribuições das diferentes áreas do conhecimento.

Braga (2006) menciona que o conceito de informação deriva do latim e significa um processo de comunicação ou algo relacionado com comunicação, mas na realidade existem muitas e variadas definições de informação, cada uma mais complexa que outra. No dicionário Aurélio, Ferreira (2001, p. 510) definem informação como:

O ato de informar, sob essa visão, a informação é vista como "algo" advindo de uma ação, advindo do verbo informar. Entretanto, não é feita uma descrição desse algo que advém do ato de informar; não se faz um descrição das características desse objeto, desse algo, sobre o qual a ação de informar age.

Pode-se dizer que a informação é um conceito primitivo, assim como o conceito de "conjunto" também o é; e é isso que vêm sendo feito até o presente momento. Entretanto, a realidade que está delineando-se têm exigido uma definição precisa do que é a informação, já que está entrando-se na era da sociedade da informação.

Com relação a tecnologia, pode-se admitir que, no mundo das organizações atuais, a tecnologia trouxe uma oportunidade singular para que as empresas passassem a redistribuir seus ativos e repensar sua estratégia de forma mais significativa. Para Barbieri (1994, p. 6):

A tecnologia sempre esteve ligada às transformações da sociedade em todas as épocas e locais. O fato recente é o ritmo acelerado das mudanças tecnológicas e a magnitude das suas transformações. Antes da era industrial, essas transformações, além de lentas, ficavam confinadas em limites regionais; atualmente, elas se desenvolvem em escala internacional e seus impactos são mais difíceis de serem controlados. Fatos como estes colocaram a tecnologia no centro das principais preocupações da humanidade. De um modo geral, as modificações tecnológicas sempre foram associadas à ideia de progresso da humanidade.

A tecnologia encontra-se presente tanto nos processos industriais, facilitando a obtenção dos objetivos da produção, quanto nos produtos e serviços. Em sua visão mais ampla, a tecnologia envolve os aspectos organizacionais, técnicos e sociais.

Para Barreto (1992, p. 12) “o conceito de tecnologia está diretamente ligado ao de conhecimento, que é o conjunto de informações que, absorvidas ou assimiladas, é capaz de modificar a estrutura cognitiva do indivíduo, do grupo ou da sociedade.” Tecnologia, são os conhecimentos que geraram a máquina, o processo de produção, a planta industrial, e que permitem sua absorção, adaptação, transferência e difusão.

A partir desses conceitos, entende-se que as Tecnologias de Informações e Comunicações- TIC, em particular, são tecnologias que possibilitam a veiculação da informação e da comunicação com rapidez, dinamismo, com difusão de imagem e som (GONÇALVES e NUNES, 2011).

Na opinião de Cândido e Nunes (2011, p. 328) no início as TIC não foram bem recebidas:

Pois a sua utilização afetou aspectos educacionais cristalizados: currículo escolar, atuação do professor, relações deste com seus alunos, entre outros fazendo com que a escola saísse da sua zona de conforto, do seu comodismo, para enfrentar novas situações.

O primeiro passo a darem foram conhecer a tecnologia educacional, para que, conhecendo-a, os paradigmas fossem quebrados. A tecnologia educacional está relacionada com a forma de se ensinar baseada nas teorias das comunicações e dos novos aperfeiçoamentos tecnológicos.

As tecnologias de informação e comunicação (TICs) assumem papel relevante na vida societária, merecedor de investigação, a fim de se perceber sua influência e incorporação nos processos pedagógicos. Seu poder multiplicador e aplicabilidade às tarefas humanas, desde o lar, indústria e comércio, até a pesquisa e o ensino, contribuíram, de forma significativa, para a constituição do pensamento hegemônico de que as tecnologias são essenciais à vida moderna. Contudo, os aparatos tecnológicos devem ser discutidos com base em princípios morais e éticos, em que o ser humano seja sujeito e utilize as tecnologias para facilitar sua vida e a dos semelhantes (GONÇALVES e NUNES, 2011).

Além de princípios morais e éticos, as TICs, podem contribuir para realizar atividades, as quais façam com que eles sejam investigativos, pesquisem, analisem, comparem, conceituem, reformulem, percebam as propriedades de imagens e sons, enfim, que eles próprios concluem o seu aprendizado (CÂNDIDO e RODRIGUES, 2011).

Educar na sociedade com tecnologia da informação e comunicação não é apenas ensinar como usar os aparatos tecnológicos no ambiente escolar. Educar é preparar indivíduos adaptáveis e criativos com habilidades que lhe permitam lidar facilmente com a rapidez na fluência de informações, acompanhando as transformações e sendo parte delas, de modo responsável, ético e legal (PINHEIRO, 2007).

A incorporação das TICs, no âmbito escolar, deve ser considerada como parte da estratégia global de política educacional, levando em consideração a demanda social, carente de informações sobre o valor real da inserção das tecnologias como alavanca de inovações pedagógicas a serviço da construção de saberes. Na educação, a introdução das TICs está ligada inicialmente às atividades administrativas, objetivando agilidade dos processos de controle e gestão técnica.

Posteriormente, passam a compor o ensino e a aprendizagem, sem necessariamente integração no processo pedagógico, funcionando como atividade extra, inovadora e orientada por professores capazes (GONÇALVES e NUNES, 2011).

Menciona-se que a escola e os meios tecnológicos de comunicação e informação caminham em paralelo, pois ambos retratam a realidade e a cotidianidade, apresentando valores, conceitos e atitudes presentes na realidade em geral, que são absorvidos sob diferentes matrizes (PORTO, 2006).

A compreensão da tecnologia, como saber prático, aponta para uma concepção fragmentada, instrumental. As TIC representam mais do que o caráter técnico, possibilitam agir e pensar, permitindo ao sujeito novas experiências de intervenção no mundo, por isso, as escolas precisam buscar meios para ampliar sua visão sobre as TICs (GONÇALVES e NUNES, 2011).

As possibilidades de linguagens tecnológicas que podem incorporar-se à escola para ensinar o respeito ao diferente, a vencer obstáculos, a trabalhar coletivamente, entre outros aspectos. Não pressupõe uma didática nova, mas uma postura que se apoia na inter-relação entre professor e alunos como sujeitos que se organizam, decidem e buscam superar obstáculos, tendo em vista os conteúdos curriculares, intermediados com as tecnologias e situações da cotidianidade (PORTO, 2006).

Como ressalta Gonçalves e Nunes (2011), as estratégias de uso das TICs devem propiciar ao educando a capacidade de aprender, de forma construtiva, pela interação, exigindo do professor novos modelos para situações complexas. O docente, para se apropriar da complexidade do trabalho pedagógico com as TICs, deve, necessariamente, receber formação de modo a contribuir para que a escola se torne ambiente de maior inovação, intercâmbio e comunicação.

A escola defronta-se com o desafio de trazer para seu contexto as informações presentes nas tecnologias e as próprias ferramentas tecnológicas, articulando-as com os conhecimentos escolares e propiciando a interlocução entre os indivíduos. Como consequência, disponibiliza aos sujeitos escolares um amplo leque de saberes que, se trabalhados em perspectiva comunicacional, garantem transformações nas relações vivenciadas no cotidiano escolar (PORTO, 2006).

Na opinião de Gonçalves e Nunes (2011) a formação de professores, como processo sistemático e organizado, deve ser realizada de forma crítica e reflexiva.

Implica ato de aprender a ensinar que requer metacognição, conhecimento prático, investigação, trabalho colaborativo e socialização. Para que os professores aprendam a usar pedagogicamente as tecnologias, é preciso um ponto de partida, considerando as experiências, os distintos saberes, sobretudo, a discussão do papel da tecnologia para o ensino na realidade investigada, utilizando as formas disponíveis nas TICs.

Considerando isso, Porto (2006, p. 49) assegura que a educação escolar pressupõe aprender a “gerenciar tecnologias, tanto da informação quanto da comunicação, e pressupõe ajudar a perceber onde está o essencial, estabelecendo processos de comunicação cada vez mais ricos e mais participativos”. Ensinar com e através das tecnologias de informações e comunicações é um binômio imprescindível à educação escolar. Não se trata de apenas incorporar o conhecimento das modernas tecnologias e suas linguagens. É preciso avançar e ultrapassar as relações com os suportes tecnológicos, possibilitando comunicações entre os sujeitos, e destes com os suportes tradicionalmente aceitos pela escola, até os mais atuais e muitas vezes não explorados no âmbito escolar (vídeos, games, televisão, Internet...).

Tecnologia de Informação e Comunicação está atuando dentro das práticas pedagógicas, onde os professores estão aplicando temas expressivos que desenvolvem no sujeito uma compreensão mais elaborada e conscientizada sobre a realidade. Essa prática pedagógica permite partir da cultura básica do aluno, de sentido comum, adquirida em contato com o cotidiano e as tecnologias, inclusive o uso de imagens dentro da sala de aula, as quais contribuem para aprendizagem do aluno (PORTO, 2006).

Cabe salientar que as TICs devem ser usadas, em primeiro lugar, como agentes sensibilizadores da população para a importância da educação; em segundo lugar, como ampliadores das oportunidades de escolarização; e, por fim, como ferramentas de apoio ao processo de ensino-aprendizagem, um esforço de melhoria da qualidade do trabalho educativo.

3 USO DA IMAGEM NA SALA DE AULA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Os alunos dão maior credibilidade às demonstrações de proposições

quando essas estão sustentadas por fatores visuais. É claro que os professores poderiam utilizar a lousa, mas as imagens não teriam a mesma dinamicidade que se tem, quando utilizam o computador ou outras TICs (CÂNDIDO e RODRIGUES, 2011).

A utilização da imagem pelos profissionais da educação, significa pensar que as imagens funcionam como representações que têm um papel importante na criação, manutenção e recriação do próprio entendimento do aluno. Portanto, quando o professor abre um livro didático, ou faz uso de imagens nas aulas com seus alunos, depara-se com um mundo pensado, dado a ler e com representações que poderão perpetuar esse mundo, ou dar abertura para sua recriação ou reflexão (BARROS, 2007).

A importância da imagem na educação começou a ser questionada e repensada no Brasil, na década de 80 do século XX, através da discussão sobre a função da arte na educação formal, de acordo com novos pressupostos teóricos. Segundo Azevedo (2011, p. 5):

O papel da arte ganhava nova dimensão em uma educação que se pretendia democrática e democratizante, visando à transformação da sociedade. Na década de 90, ocorreu a consolidação desse novo paradigma, que tem a formação estética como princípio, além de questionar os objetivos do passado, dentre eles, o desenvolvimento da criatividade, a percepção visual e a priorização de uma produção desvinculada de qualquer reflexão ou análise.

Atualmente, além de desenvolvimento da criatividade, busca-se o desenvolvimento da leitura e interpretações de textos, bem como, desconstruir para construir, selecionar, reelaborar, partir do conhecido e modificá-lo de acordo com o contexto e a necessidade.

Aguiar (2010) destaca que levar a imagem à sala de aula configura uma alternativa que possibilita estimular o interesse do aluno bem como possibilitá-lo compreender sua realidade de modo mais amplo, mas vale esclarecer que o exercício de tal atividade não é tão simples, pois é preciso conhecer as diversas formas de se utilizar a imagem na sala de aula.

Segundo Guimarães e Limoli (2011) comentam que a imagem desempenha um importante papel nas práticas pedagógicas nas aulas, pois dispõe de estratégias para a comunicação e criação de novas ideias.

Quando do uso da imagem no contexto escolar não se pode prescindir da ideia de que uma imagem sugere inúmeros significados latentes sendo necessário sua análise sistemática. Bruno e Martins (2011, p. 3) mencionam que algumas condições deveriam ser observadas: “conhecimento prévio do assunto tratado, reflexão acerca da natureza das imagens.” Para os autores a imagem trabalhada cognitivamente, a que resulta do conhecimento, da consciência, do ver e do saber, aumenta a intensidade do olhar e a qualidade da imaginação.

Na opinião de Paula (2011) a imagem no processo educacional contribui para desenvolver a habilidade de ver, julgar e interpretar uma imagem dentro de seu contexto histórico, social, político e cultural. Por isso, que o tratamento dialético da imagem implica na aprendizagem crítica das mensagens que ela comporta e do seu uso, quer no espaço escolar, quer em outros lugares de aprendizagens.

A utilização deste recurso, no processo de ensino-aprendizagem, torna-se uma opção relevante e imprescindível tanto para o professor quanto para o aluno, por sua função representativa, narrativa, além de lúdica. Por isso, Azevedo (2011, p. 3) comenta:

As imagens, sons, gestos, expressões corporais tornam-se signos abertos a decodificação, do que pode-se concluir que a utilização da imagem visual, como uma cena de palavras, atinge o leitor pela força de ideias que reproduz, condensando a mensagem que se quer transmitir, enredando-o e levando-o à construção de um texto impactual. E, de certa forma, obrigando-o a ater-se na compreensão daquilo que muitas vezes passou-lhe despercebido.

Sendo assim, o uso da imagem possibilita novas compreensões de acontecimentos no cotidiano, e o papel do professor é direcionar a este entendimento, cabendo-lhe criar a conexão entre o mundo do estudante e a imagem, na construção da interpretação crítica dos fatos representados por ela, contribuindo assim na aprendizagem do aluno.

Bruno e Martins (2011, p. 3) apontam que o sujeito/espectador (no caso professores e alunos) que utiliza a visão para observar uma imagem está dotado da capacidade perceptiva, de um saber, de crenças, de afetos que são dados por configurações histórico-sociais e psíquicas que constituem a diversidade de espectadores.

Visto que a imagem ocupa um espaço privilegiado de formação e informação na sociedade atual, compreende-se que cabe ao professor promover

análise com discussão aprofundada sobre os processos de produção, distribuição e recepção da imagem (GUIMARÃES e LIMOLI, 2011).

Por outro lado é importante enfatizar que a tecnologia não ocupará o lugar do professor, será apenas um meio pelo qual o saber será construído. Sem o professor é impossível chegar ao objetivo almejado, que é fazer com que os aprendizes, além do conhecimento, adquiram afeição pelos estudos. A presença do professor é fundamental para que este oriente as atividades propostas, e que seus alunos não desviem o foco da aula, e incentivando-os a utilizarem as TICs, bem como, as imagens para desenvolverem o ensino-aprendizagem (CÂNDIDO e RODRIGUES, 2011).

Porém, a análise que se defende aqui não para somente na tecnologia. Pressupõe o exame de como a imagem se configura enquanto linguagem (um paralelo com o que fazem os linguistas em relação à análise de texto), como se dá sua recepção; o que implica sua distribuição; quem está por trás das decisões de representações específicas; qual o impacto daquelas imagens na época de sua primeira ocorrência e quais os sentidos agregados quando usada fora daquele contexto, entre outros aspectos que os professores devem buscar dentro da sala de aula (COELHO, 2011).

Os veículos de produção de imagens reconfiguram seus mecanismos operacionais, facilitando cada vez mais a sua manipulação. Carregam dispositivos autoinstrutivos, oferecendo ao usuário opções interativas e interventivas de editar, colar, copiar, recortar, pintar, desfazer, dentre tantas outras ações que ampliam consideravelmente a liberdade e a complexidade conceitual da imagem. Novos elementos podem estar se revelando, traçando novos caminhos para a Educação, a qual convive com o atual desafio de formar sujeitos reflexivos dentro do contexto cultural imagético (MARTINS e SANTANA, 2009).

Entretanto, dentro as práticas pedagógicas a interpretação de elementos visuais por imagens, basicamente caracterizada por um trabalho a partir do conteúdo, deve-se, muito ao fato de que a grande maioria das imagens que utilizam-se em aula são de natureza realista, portanto mimética, e majoritariamente de expressão fotográfica, ainda que podendo ser uma imagem de síntese, produzida digitalmente. No entanto, o uso da imagem em sala de aula não domina apenas na expressão fotográfica, visto que, cada imagem merece um tipo de abordagem pelo

educador, pois existem relações a vários aspectos utilizando imagem, cabe ao professor aplicar estes mecanismos aos alunos (COELHO, 2011).

Santaella e Nöth (1997) comentam que os professores podem utilizar alguns mecanismos como atividades com o uso da imagem na sala de aula, além dos já utilizados, como: as cores, *design*, gráficos, mapas e cartografia, desenhos, signos e gravuras. Os alunos, juntamente com professores, estando em contato com as imagens, tornam-se investigativos e não apenas receptivos. Eles encontram no computador uma fonte de ideias as quais ocorrem através de seus próprios pensamentos, do diálogo com os colegas, com os professores, com especialistas e com o meio. Começam a observar, refletir e atribuir significado sobre os resultados oferecidos pelo o que interpretam, e a construir suas próprias ideias e conclusões.

Na visão de Bruno e Martins (2011) a avaliação da imagem pode ser incluída na prática pedagógica e valorizada pelo professor. Ela ocorre de diversos modos: debates, redação, questionários atraentes de perguntas e respostas, trabalho em grupo, relações entre a imagem estuda com o conteúdo da disciplina, entre outros.

Fernández et al (2009) destacam algumas vantagens do uso da imagem na sala de aula:

- Criatividade, interação professor/aluno, desenvolvimento intelectual, sensibilização, expressão e visualização mental;
- Possibilita a inclusão, nas aulas, de formas comportamentais e gêneros textuais conhecidos. Esse fato pode representar uma grande vantagem para o ensino e aprendizagem, pois motiva o aluno a aprofundar o seu conhecimento e pode funcionar como um desafio positivo, na medida em que o predispõe a inferir o conteúdo linguístico e/ou sociocultural nele presente, o que pode ser muito proveitoso, desde que acompanhado e orientado pelo professor;
- Diversifica os materiais de apoio e torna as aulas mais dinâmicas e motivadoras;
- Possibilita a interação entre diferentes materiais de apoio midiáticos como o computador, o CD-ROM, os videogames, a Internet, o rádio, a televisão, livros, jornais etc. Espera-se que as atividades em sala de aula instiguem os alunos a ampliar seus conhecimentos e que desperte neles o interesse à pesquisa e à busca por mais informações em outros meios de comunicação;
- Representa uma maneira multilinguística de aprender. É uma excelente

oportunidade para que os alunos percebam que é possível utilizar diferentes formas de expressão de ideias, sentimentos, desejos etc. e relacionar a modalidade escrita a diferentes recursos visuais. Espera-se que se tornem cada vez mais capazes de entender diferentes linguagens e ler textos diversos com os quais têm contato diariamente, que sejam capazes de interpretá-los e expressar opiniões sobre eles de forma crítica e consciente;

- Evidencia elementos de contextos da vida real - verbais e não verbais — atitudes, comportamentos, gestos, distância ou aproximação entre os interlocutores etc.;

- Apresenta situações comunicativas: localização espacial e temporal, atitudes e padrões interativos dos falantes e sensibilização dos alunos para as formas de organização do discurso;

Não resta dúvida que uma aula bem preparada, incorporando o uso da imagem, independentemente da função que o professor lhe atribua, pode contribuir muito para o êxito do trabalho e para alcançar os objetivos desejados. A imagem pode, assim, proporcionar uma aproximação do aluno à escola. Pode ser uma estratégia de aproximação tanto do aluno aos conteúdos propostos pelo professor como uma forma também de o discente encontrar sentido no que aprende e ter satisfação em mostrar a seus amigos e familiares aspectos e temas abordados em sala de aula (FERNÁNDEZ et al, 2009).

De acordo com Azevedo (2011) para a imagem contribuir no ensino e aprendizagem é necessário que os educadores estejam preparados para propor abordagens e ações que promovam uma interação com os alunos em todos os níveis e contextos da educação perante as práticas pedagógicas.

Hernández (2007, p. 79) salienta que os professores podem utilizar das seguintes metodologias visuais críticas e performativas, quanto ao uso das imagens na sala de aula:

- Pensar a respeito do visual em termos de significado cultural, das práticas sociais e das relações de poder em que estejam implicadas as imagens e as práticas de visualidade, ou seja, as maneiras de olhar e de produzir olhares.
- Refletir sobre as relações de poder que se estabelecem e articulam-se por meio das imagens e que podem ser propiciadas pelas maneiras de ver, de imaginar e de tecer representações.
- Considerar as representações da cultura visual como discursos que refletem práticas culturais.

Assim, os professores levam em conta o papel da cultura visual na vida cotidiana e as maneiras que os artistas utilizam para representar a relação com a realidade, é possível desenvolverem-se diferentes estratégias pedagógicas e adequadas a diversos contextos educativos.

Bruno e Martins (2011, p. 6) afirmam que as implicações cognitivas do trabalho com imagem são grandes, pois não só aumenta a intensidade do olhar como também a qualidade da imaginação “a descoberta do significado da imagem não existe independente do espectador e a cautelosa tarefa do professor consiste em não impor interpretações, mas em favorecer comparações e diálogos.”

Segundo Azevedo (2011) cabe ao professor em sua prática pedagógica, trabalhar a imagem considerando seu aspecto semiótico, de maneira a provocar interpretações, visto que a imagem, em particular a pintura, a fotografia ou o vídeo, são capazes de exprimir ideias e devem ser utilizadas para estimular uma atitude interpretativa. Para isso, o professor necessita minimamente compreender a imagem escolhida, tanto a sua especificidade, quanto as mensagens nela suscitadas.

4 CONCLUSÃO

Pode dizer-se que a inovação constitui atualmente um tema central nas discussões sobre a escola, com particular destaque para o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) na sala de aula.

As TICs trouxeram desafios para os sistemas educacionais, pois, nesta nova configuração social, o universo da informação dos alunos e professores, ampliou-se a uma escala nunca antes imaginada. Devido as novas tecnologias, a educação, assim como as demais organizações, sofrem uma forte pressão por mudanças. As escolas precisam novas formas de ensinar, pois os alunos precisam novo processo de aquisição de conhecimentos, de modo criativo, crítico e competente, pois é essencial para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem.

Por isso, este artigo buscou constatar a importância do uso da imagem na sala de aula, como mecanismo pedagógico de mediação da aprendizagem. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, onde pode-se observar as imagens, enquanto representações, são provavelmente o principal conteúdo do pensamento humano, elas constituem um dos materiais intelectuais mais importantes do homem, sendo capazes de influenciar e direcionar o comportamento das pessoas.

Também observou-se a importância do uso das imagens dentro da sala de aula, as quais podem ser consideradas como mecanismos pedagógicos de ensino, pois possibilita o desenvolvimento do olhar crítico do aluno, a sua capacidade de interpretar e compreender o que as imagens representam, além de contribuírem para a qualidade do ensino, fazendo com que as aulas sejam mais criativas, motivadoras, dinâmicas e que envolvam os alunos para novas descobertas de aprendizagem.

Identificou-se neste artigo, algumas contribuições que as imagens oferecem nas práticas pedagógicas: a imagem deve ser usada como elemento de sensibilização, para despertar a motivação, a curiosidade e o desejo de pesquisar os temas curriculares, além de ilustração, para compor cenários desconhecidos ou para situar os alunos no tempo e no espaço; também pode a imagem ser usada como forma de expressão, fazendo os alunos a pensar e refletir; possibilita aulas mais dinâmicas e motivadoras, instiga o interesse dos alunos à pesquisa e à busca por mais informações em outros meios de comunicação.

Assim, pode-se comentar que existem muitos outros aspectos a considerar utilizando a imagem no processo de ensino-aprendizagem em sala de aula, tendo como principal o desenvolvimento do pensamento para a construção do conhecimento.

Ressalta-se também que, ensinar para a compreensão implica modificações das regras na sala de aula, visto que, compreender é uma capacidade desenvolvida através da livre troca de ideias e por isso, exige uma reformulação tanto no currículo, quanto na prática docente. Dessa forma, constata-se que, no que se refere ao fazer pedagógico, a função da escola, não é só transmitir conteúdos, mas, facilitar a subjetividade para o alunado que nela se apoiam na proporção em que adquirem estratégias e recursos para interpretar o mundo.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Suelena de Moraes. **A imagem na sala de aula**. EDUCATIVA - Goiânia, v. 13, n. 2, p. 323-335, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://revistas.ucg.br/index.php/educativa/article/viewFile/1421/937>. Acesso em jul. de 2011.

AZEVEDO, Norma Suely Menezes Soares de. **A linguagem não-verbal no espaço escolar**. Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti - Cadernos de Estudo

15. Disponível em:
[http://repositorio.esep.pt/bitstream/handle/10000/454/\(A_linguagem_ao_verbal_no_espaco_escolar.pdf?sequence=1](http://repositorio.esep.pt/bitstream/handle/10000/454/(A_linguagem_ao_verbal_no_espaco_escolar.pdf?sequence=1). Acesso em jul. de 2011.

BARBIERI, Carlos. **Modelagem de dados**. Rio de Janeiro: Infobooks, 1994.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. **Informação e Transferência de Tecnologia: mecanismos de absorção de novas tecnologias**. IBICT: Brasília – Brasil, 1992.

BARROS, Ricardo. **O Uso da Imagem nas aulas de História**. São Paulo: Universidade de São Paulo Faculdade de Educação, 2007. Disponível em: ww.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/.../DissertacaoRicardoBarros.pdf. Acesso em jul. de 2011.

BERGER, John. **Modo de ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

BRUNO, Luis Alberto.; MARTINS, Ana Lucia Lucas. **Imagem e Educação: Investigação sobre uso de Filmes em Aulas de História**. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v57n4/a21v57n4.pdf>. Acesso em jul. de 2011.

CÂNDIDO, Laise Aparecida.; RODRIGUES, Orientadora: Sílvia Regina Viel. **Implicações do uso da Informática na Sala de Aula de Matemática**. Disponível em: <http://www.facef.br/novo/3fem/Inic%20Cientifica/Arquivos/Laise.pdf>. Acesso em jul. de 2011.

COELHO, Luiz Antonio Luzio. **Uso da imagem na sala de aula**. PUC-Rio. Disponível em: <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/11982/11982.pdfxxvmi=0n3z9fdsoeuj5purcwaq96ianc4r93baqfjavnt12of8pb03zbtjicjgpoxzrkat0uuwizslozteauhkhct0onhedgeg1oa2j6zd5r0t1tjc01wieridgqsth7ajwllqrkuxnurp0c20e0isrr6it0db8olfa7w3s22gxt6xh9zvaioclvfvzhexdk9krdeufvskd1rmanxsmbeiwpwctvfog1hugcam5vp7odinbcmbgukckiefou5vwmqnpc>. Acesso em jul. de 2011.

FAHEINA, Evelyn Fernandes Azevedo.; ELOY, Sílvia Regina Tavares.; RODRIGUES, Anna Patrícia Marinho.; ERENILDO, João Carlos.; SOARES, Swamy de Paula Lima. O uso de filmes como mediação da prática docente: Um exercício do fazer Interdisciplinar entre os professores do Curso de Pedagogia da UFPB. Centro de Educação/ Departamento de Fundamentação da Educação/ PROLICEN. UFPB-PRG XI Encontro de Iniciação à Docência. Disponível em: http://www.prac.ufpb.br/anais/xenex_xienid/xi_enid/prolicen/anais/area4/4cedfeplic05.pdf. Acesso em jul. de 2011.

FERNÁNDEZ, Gretel Eres.; KANASHIRO, Daniela Sayuri Kawamoto.; SANTOS, Jefferson Januário dos.; VIEIRA, Maria ETA.; RINALDI, Simone. **Publicidade e Propaganda: o vídeo nas aulas de Língua Estrangeira**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: Escolar**. 5ª ed. Ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FONSECA, Tânia Mara Galli.; FRANCISCO, Deise Juliana. **Formas de ser e habitar a contemporaneidade**. Porto Alegre: Ed. Universidade – UFRGS, 2000.

GONÇALVES, Marluce Torquato Lima.; NUNES, João Batista Carvalho. **Tecnologias de Informação e Comunicação: Limites na Formação e Prática dos Professores**. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT16-2177--Int.pdf>. Acesso em jul. de 2011.

GUIMARÃES, Fernanda Couto.; LIMOLI, Loredana. **A Imagem em sala de Aula: Uma proposta com a Capa de Revista**. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/sepech/arqtxt/resumos/anais/FernandaCGuimaraes.pdf>. Acesso em jul. de 2011.

MARTINS, Cibelle Amorim.; SANTANA, José Rogério. **Cultura Imagética e suas implicações Filosóficas na Formação de Professores**. Universidade Federal do Ceará/Instituto UFC Virtual - III Simpósio Nacional ABCiber - Dias 16, 17 e 18 de Novembro de 2009 - ESPM/SP. Disponível em: http://www.abciber.com.br/simposio2009/trabalhos/anais/pdf/artigos/4_educacao/eix_o4_art3.pdf. Acesso em jul. de 2011.

PAULA, Daniele Rizental de. **Leitura de Imagem na Prática Pedagógica**. Rede Pública de Ensino do Estado do Paraná, licenciada em Educação Artística pela FAP, com especialização em Metodologia de Ensino. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1577-8.pdf>. Acesso em jul. de 2011.

PINHEIRO, Patrícia Peck. **Boas Práticas Legais no uso da Tecnologia dentro e fora da sala de aula**. Guia rápido para as instituições educacionais. 2007. Disponível em: http://www.criancamaissegura.com.br/blog/wp-content/uploads/2009/11/cartilha_TecnologianaEducacao.pdf. Acesso em jul. de 2011.

PORTO, Tania Maria Esperon. As tecnologias de comunicação e informação na escola; relações possíveis... relações construídas. Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Educação. **Revista Brasileira de Educação**. v. 11 n. 31 jan./abr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n31/a05v11n31.pdf>. Acesso em jul. de 2011.

SANTAELLA, Lucia.; NÖTH, Winfried. **Imagem: Cognição, semiótica, mídia**. 2 ed. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda, 1997.

SARDELICH, Maria Emilia. **Leitura de Imagens, Cultura Visual e Prática Educativa**. Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana – BA. Cadernos de Pesquisa, v. 36, n. 128, p. 451-472, maio/ago. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v36n128/v36n128a09.pdf>. Acesso em jul. de 2011.

SCHULER, Maria. **MCI – Um Método para a Configuração de Imagem, Organizações, Marcas e Produtos**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.